

De Eleições e de Política

Carlos Walter Porto-Gonçalves¹

Os recentes resultados das eleições municipais de 2020 no Brasil oferecem importantes lições às esquerdas a começar pelo reconhecimento de que foi submetida a uma fragorosa derrota. Nada menos que 82% das prefeituras foram ganhas por partidos de centro-direita. Não tergiveremos a dialética vendo alguma vitória no quadro eleitoral que emanou das urnas. Não sejamos terraplanistas à nossa maneira.

As eleições são um bom termômetro da correlação das forças políticas num momento dado, com todas as assimetrias que se colocam à partida desses processos. A não ser com a ilusão liberal podemos aceitar que se trata de uma luta entre iguais. Longe disso, e não só pelo poder econômico, poder que não está ele mesmo submetido a eleições, diga-se de passagem, mas também pelas relações sociais e de poder que constituem os diferentes grupos/classes sociais que se põem em disputa pela representação política. Não está em questão nesta reflexão a legitimidade ou não dos que foram eleitos que, de uma forma ou de outra, aceitaram o jogo. Os vencedores são, dentro dessa ordem, legítimos, o que não impede que reflitamos sobre o significado dessa ordem e sua legitimidade em si mesma.

Que a imprensa e o Tribunal Superior Eleitoral tanto visibilizem os resultados dos votos válidos, não nos impede de ver as fragilidades que esses processos revelam, como se verifica com os dois candidatos a Prefeito das duas principais cidades do país que tiveram, ambos, menos votos do que o total de eleitores que não sufragaram nenhum dos candidatos. Em São Paulo, Bruno Covas, do PSDB, obteve 35,26% do total de eleitores contra 40,61% dos eleitores que se abstiveram, anularam ou votaram em branco. Guilherme Boulos, do PSOL, por seu lado, ficou com 24,36% do total dos eleitores. Ou seja, em São Paulo, 2 de cada 3 eleitores paulistanos não votaram no candidato vencedor e 3 em cada 4 não votaram no candidato derrotado. No Rio de Janeiro, quase 50% do total dos eleitores não sufragaram nenhum dos candidatos, ou seja, 47,78% do total. O candidato chancelado como vencedor, Eduardo Paes, teve 33,58% dos votos e o Prefeito Bispo Crivella 18,8% dos votos. Ou seja, também no Rio de Janeiro, o candidato vencedor obteve 1 de cada 3 votos dos eleitores e o candidato derrotado menos de 1 em cada 5 votos dos eleitores. Só por conveniência alguém poderia achar que “as instituições democráticas estão funcionando muito bem”, conforme bordão que circula nos meios políticos e de comunicação. Não se ponha na conta da pandemia esses números, ainda que possam ter alguma influência, posto que tal tendência abstencionista já se verificara em eleições passadas recentes. Nas recentes eleições bolivianas, chilenas e estadunidenses a participação eleitoral aumentou, ainda que por diferentes razões e ainda que em plena pandemia. Saliente-se o fato de que nos países citados, as consultas/eleições eram de caráter nacional diferentemente das recentes eleições no Brasil. O que estava sendo jogado não era qualquer coisa, como veremos adiante e, por isso, os índices de participação aumentaram, apesar de virem caindo nas eleições passadas quando as opções pareciam não entusiasmar o povo como categoria política, isto é, aqueles que estão em situação de opressão/exploração/subalternização.

O que a comparação desses casos com a realidade brasileira pode nos ensinar, ainda que considerando que estavam em questão processos distintos? Em primeiro lugar, que as forças conservadoras podem ser derrotadas eleitoralmente, como se viu no Chile, na Bolívia e nos

¹ Professor Titular do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense.

EEUU. E, mais, nesses três casos, houve uma ampla mobilização dos grupos/classes sociais em situação de opressão/exploração/subalternização que, com uma agenda própria, souberam identificar as oportunidades que se abriam com as consultas/eleições. No caso do Chile, o plebiscito sobre uma nova constituição não estava sequer no calendário eleitoral. A própria consulta plebiscitária foi o resultado de amplas mobilizações nas ruas. Nos EEUU, mais do que a vitória de Joe Biden é preciso destacar, com Noam Chomsky, que o programa do Partido Democrata era o “mais à esquerda do que qualquer outro candidato democrata do qual se tenha memória” e, continua, “é provável que os democratas odeiem o programa, mas eles não têm escolha, porque sua base popular não está apenas exigindo isso, mas está trabalhando árdua e constantemente para forçá-los a fazê-lo. Isso é política. Não a personalidade dos líderes (...)”. O ano de 2020 foi, nos EEUU, um ano em que questões de fundo foram abertamente debatidas nas ruas, como a questão racial – Black Lives Matter -, a questão da segurança pública², a questão energética/ambiental/climática foi colocada no programa do candidato democrata “não porque Biden viveu uma transformação pessoal ou porque os democratas tiveram um grande insight — mas porque estão sendo pressionados por ativistas que surgiram do movimento Sanders e outros”, como pelo “Movimento Sunrise (...) e pelos principais ativistas da mudança climática, aqueles que conseguiram colocar o New Deal Verde na agenda legislativa” (Chomsky). A falácia que o desemprego seria resolvido com o American First de Donald Trump era tão enganosa como as políticas, sobretudo democratas, que levaram ao Cinturão da Ferrugem com o deslocamento para a Ásia, principalmente para a China das principais plantas industriais das corporações estadunidenses, sob hegemonia do capital financeiro. As políticas democratas que proporcionaram a criminalização e prisão de milhões de jovens negros foram devidamente denunciadas e debatidas nas ruas. Que essas múltiplas forças que tão amplamente se mobilizaram investissem eleitoralmente nos democratas não nos deve levar a confundir o resultado eleitoral como algo maior que o processo que levou a tal resultado. Sabemos dos estreitos limites ideológicos da sociedade que subjaz à democracia estadunidense, onde até mesmo Bernie Sanders, “um social-democrata moderado”, segundo Noam Chomsky, é considerado um perigoso socialista e Joe Biden chegou a ser acusado de comunista!

O mesmo pode ser visto na Bolívia (Porto-Gonçalves e Rego Monteiro, 2020), onde mais que a recente vitória eleitoral do MAS, há que se ver toda uma trama de organizações sociais do Pacto de Unidade (CONAMAQ, CIDOB, CNMCOIB-BS, CSCIB e CSUTCB, 2010) que havia levado o MAS à vitória em 2005, pacto esse que havia sido rompido em 2010 pelo próprio governo de Evo Morales e Álvaro García Linera³. Esse Pacto de Unidade construído *desde abajo*, enquanto modos de auto-organização dos grupos sociais em situação de

² Foi abertamente explicitada nas ruas a recusa da utilização das forças armadas para reprimir sua própria população, como propunha Donald Trump, tal e como vem se passando no Brasil e em vários países latino-americanos. A própria cúpula militar estadunidense, nas circunstâncias das grandes mobilizações, se manifestou contra a repressão de sua própria gente, o que bem deveria ser uma fonte de inspiração para nossas forças armadas. Talvez aqui o grande obstáculo para isso seja nossa classe dominante que abandonou qualquer projeto com base na soberania nacional e que vem se mostrando incapaz de dizer Brasil Primeiro, ainda que sabendo que qualquer Brasil que seja terá que dizer qual seu lugar no mundo. E a Amazônia é chave para isso.

³ A ruptura se dera em virtude da insistência do governo do MAS num projeto de abertura de uma estrada que atravessaria o TIPNIS – Terra Indígena e Parque Nacional Isiboro-Secure. Ali, estavam em questão princípios políticos de larga tradição consolidados pelos movimentos sociais que, inclusive, estavam constitucionalizados, como o caráter plurinacional e comunitário do estado boliviano como passara o país a se autodeclarar com a Nova Constituição, assim como dava continuidade à perversa tradição colonial de exportação de matérias primas, haja vista que a estrada tornava possível o acesso a reservas de petróleo e gás já concessionadas e, assim, alimentava um modelo (ou drama?) de des-envolvimento extrativista e negava a possibilidade de outros horizontes de sentido para a vida, como o Bem Con-Viver (Sumaq Qamaña e Sumak Kausay). Nesse novo pacto de unidade de 2020, a COB se juntou às 5 outras organizações do Pacto efetivado em 2010.

opressão/exploração/subalternização, diante dos horrores de um golpe de estado criminoso de 2019, abertamente apoiado pelos militares, pela Embaixada de Washington e pela OEA, se viu obrigado a retomar a antiga unidade rompida em 2010. Registre-se que a trama política institucional de que o MAS se vira enredado lhe impôs um profundo desgaste junto à sociedade boliviana como um todo, pelas sucessivas iniciativas de manter Evo Morales no governo, reiterando junto ao Judiciário sucessivos pedidos de autorização para concorrer a mais um mandato, como se viu em 2019⁴.

Em todos esses 3 casos no Chile, na Bolívia e nos EEUU considere-se o profundo desgaste dos partidos políticos, ainda que os processos eleitorais continuem a valorizá-los. Destaquemos que, no caso do Chile, depois de 30 anos de *Concertacion* entre as direitas e as esquerdas, o desgaste chegou a tal ponto que *las mobilizaciones callejeras* colocaram explícitos limites à sua participação na nova constituinte (Porto-Gonçalves e Panez, 2020). Na Bolívia, a nova unidade do Pacto de Unidade implicou a exigência de que uma liderança, como David Choquehuanca⁵, comprometida com o indigenato, fizesse parte da chapa. A vitória eleitoral de 2020 põe o movimento e o novo governo diante do desafio de debater, e colocar em prática, não só um plano de governo, mas também uma estratégia de poder, haja vista que o poder *de facto* da Embaixada de Washington, das Forças Armadas voltadas contra seu próprio povo e não cuidando de inimigos externos, a OEA, a extrema concentração da propriedade dos latifúndios monocultores de exportação de commodities de Santa Cruz, Beni e Pando estão todos de pé.

No caso brasileiro, a crise institucional não é menos grave, como indica o próprio fato da eleição de um extremista de direita a presidente da República em 2018, cuja eleição não pode ser compreendida sem que se analise a ruptura política que se estabelece em 2015 e a perda de iniciativa dos grupos sociais em situação de opressão/exploração/subalternização que já vinha em franco processo de descenso. Tudo indica que as forças políticas de esquerda vinham diminuindo seus laços junto aos grupos sociais em situação de opressão/exploração/subalternização e, assim, perdendo sua capacidade de mobilização. Durante a campanha eleitoral de 2018, o candidato que viria a ser eleito foi o único a explicitar que o sistema político estava falido, com sua aberta crítica ao Legislativo e ao Judiciário. Não vai ser dizendo que “as instituições estão funcionando muito bem”, como vêm dizendo os meios de comunicação e diferentes lideranças à direita e à esquerda do espectro político, que haveremos de sinalizar para a sociedade outros horizontes de sentido para a vida que estão sendo claramente demandados. Afinal dizer que “as instituições estão funcionando muito bem” diante do espantoso nível de desemprego, do registro de aproximadamente 100 milhões de brasileiros abaixo da linha da pobreza necessitando de auxílio emergencial, dos níveis avassaladores de violência com mais de 50 mil homicídios anuais, onde menos de 5% é levado a uma condenação, do aumento exponencial da violência no campo que já vinha aumentando desde 2010 e que atinge níveis alarmantes desde 2015, com ápice em 2019, em um país que importa alimentos quando tem 78% de suas terras cultivadas com apenas 3 produtos, as *commodities* – soja, cana, milho⁶, onde a contribuição do setor industrial caiu de aproximadamente 25%, em 1994, para

⁴ Pude observar de corpo presente, em visita a La Paz e El Alto, em 2019, o desconforto de grupos sociais e de intelectuais que haviam apoiado o *proceso de cambio* diante da insistência do MAS em pleitear mais um mandato, quando fora derrotado em consulta popular convocada especificamente para esse fim. Chega a ser pueril a decisão judicial favorável a mais uma candidatura de Evo Morales que afirmava que era um direito humano se candidatar.

⁵ David Choquehuanca havia sido Ministro de Relações Exteriores nos governos anteriores do MAS e foi responsável por uma das maiores vitórias do mundo indígena nos fóruns internacionais, com a descriminalização da coca.

⁶ Enquanto o aumento total das áreas plantadas com lavouras temporárias e permanentes entre 1988 e 2018 no país foi de 38,3%, o cultivo com apenas três *commodities* – soja, milho e cana - aumentou sua área em 118% no mesmo período! Voltamos à nossa condição colonial! Já o cultivo com arroz, feijão e mandioca viu sua área plantada

cerca de 10%, em 2018, onde as periferias urbanas são miliciarizadas, onde a vida dos mais precarizados ainda é submetida à violência desse poder de fato, é não ver que a democracia brasileira, de fato, carece de ser efetivamente fundada para que chegue a merecer a dignidade que a expressão invoca. Até quando será a direita, sobretudo a extrema direita, a única a denunciar que o sistema político está falido e que “as instituições não estão funcionando nada bem?”.

Chega a ser deprimente, não consigo palavra mais adequada, quando observamos nas análises dos resultados eleitorais, a estranha coincidência entre os articulistas da grande imprensa (burguesa, se deixou de dizer) e as versões que circulam à esquerda do espectro político, onde as siglas partidárias e as personalidades são destacadas por suas derrotas e vitórias, sem que se vislumbre o que isso significa para superar o dramático quadro social acima caracterizado⁷. Como, a partir das necessidades mais sofridas de nossa gente, e com elas, elaborar uma agenda política que seja capaz de indicar que esse sistema político, de fato, está falido. Observemos as palavras de um Mestre, Noam Chomsky:

Bem, há uma posição muito tradicional da esquerda, que, infelizmente, foi praticamente esquecida, mas é aquela que acho que devemos seguir. É a posição de que a verdadeira política está no ativismo constante. É bem diferente da posição do *establishment*, que diz que política significa foco (quase que exclusivamente) na extravagância quadrienal chamada eleição — e depois ir para casa, deixando que os “líderes” assumam o controle. A posição de esquerda sempre foi: você age politicamente o tempo todo e, de vez em quando, ocorre algo chamado eleições. Isso vai afastá-lo da política real por cerca de 10 ou 15 minutos. E depois você volta a trabalhar. (...) Portanto, a posição tradicional de esquerda diz: “Separe esses 15 minutos, aperte o botão e volte ao trabalho político”. Porém, a esquerda ativista não fez (um)a escolha. Faz as duas ao mesmo tempo”.

Além desse quadro social e político interno é sempre bom lembrar o agravamento do caráter colonial de nossa situação de país capitalista dependente.

Afinal, de uma perspectiva de esquerda, não são as personalidades/lideranças/siglas, por maior que sejam sua importância, e não a subestimemos, que devem reter nosso foco, mas sim os grupos/classes sociais em situação de opressão/exploração/subalternização em sua auto-organização, sempre identificando, nas conjunturas, como essa situação se apresenta na perspectiva de uma transformação que se mostra necessária.

Não esqueçamos que a utopia não está no futuro, pois o não-lugar que a expressão utopia indica só tem sentido num lugar concreto onde ela é pensada/sentida e é nesse *topoi* que

diminuir em 68,8% no mesmo período. Em 2018, o Brasil destinava a esses cultivos somente 7,7% da sua área plantada contra 24,7%, em 1988.

⁷ Análises que afirmam a derrota de Bolsonaro, quando todos os partidos que o apoiaram em 2018 fizeram 82% dos prefeitos eleitos. Que Lula e o PT foram os outros derrotados, quase que conclamando a uma grande frente ampla para derrotar Bolsonaro que, no entanto, sendo governo até 2022, tem a chave do cofre na mão e sabemos como nosso congresso se move diante de um cofre! Que Ciro Gomes, o PDT e o PSB deverão buscar uma redefinição, já que vêm se deslocando da esquerda para a direita do espectro político, onde até mesmo as vitórias do PDT, no Nordeste, sobretudo no Ceará, demonstram uma relação muito frouxa com a tradição trabalhista do partido. Ou, ainda, que uma nova esquerda estaria surgindo sob a liderança de Guilherme Boulos, apesar da pouca relação orgânica do líder do MTST com o PSOL. E, mais, já deveríamos ter aprendido que valorosas lideranças de movimentos populares, como o são, sem dúvida, Boulos e Lula, não são suficientes para construir um outro horizonte político para superar o estado de coisas existente junto com os grupos sociais em situação de opressão/exploração/subalternização. E não estabeleçamos uma relação unidirecional entre liderança e liderados, mas sim consideremos que são os movimentos vivos que dialeticamente produzem lideranças vivas. E, sublinhemos, nenhum processo emancipatório digno desse nome pode prescindir desse protagonismo.

haveremos concretamente construí-la. Assim, a chave de leitura de eventuais resultados eleitorais numa perspectiva emancipatória deve ser, sempre, os avanços que obtivemos na auto-organização dos grupos sociais em situação de opressão/exploração/subalternização nos territórios, nas comunas, e na compreensão dos obstáculos que a ordem-que-aí-está se põem no horizonte para a necessária transformação. Avançamos nessa direção e nessa compreensão?

Referências

Chomsky, Noam. 2020. Chomsky: O Mundo Precisa da Derrota de Trump. Em Outras Palavras. <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/chomsky-o-mundo-precisa-da-derrota-de-trump/>. Consulta realizada em 06 de dezembro de 2020.

CONAMAQ, CIDOB, CNMCOIB-BS, CSCIB e CSUTCB. 2010. Pacto de Unidad y el Proceso de Construcción de una Propuesta de Constitución Política del Estado. Impresión Preview Gráfica, La Paz. Bolívia.

Porto-Gonçalves, C.W. e Panez, Alexander. 2020. Chile Impugnação do Princípio Potosi e os Desafios do Processo Instituinte. Em <https://iela.ufsc.br/noticia/chile-impugnacao-do-principio-potosi-e-os-desafios-do-processo-instituinte-1>. Publicado em 05 de novembro de 2020. IELA – Instituto de Estudos Latino Americanos.

Porto-Gonçalves, C.W. e Rego Monteiro, Lício. 2020. Em <https://iela.ufsc.br/noticia/uma-bolivia-profunda-para-alem-das-eleicoes>. Publicado em 28 de outubro de 2020. IELA – Instituto de Estudos Latino Americanos.

Lista de Siglas:

CONAMAQ - Conselho Nacional de Ayllus e Markas do Qullasuyu.

CIDOB – Confederação de Povos Indígenas do Oriente Boliviano.

CNMCOIB-BS - Confederação Nacional de Mulheres Camponesas Originarias e Indígenas de Bolívia “Bartolina Sisa”.

CSCIB - Confederação Sindical de Comunidades Interculturais de Bolívia.

CSUTCB - Confederação Sindical Única de Trabalhadores Camponeses de Bolívia.

COB – Central Operária Boliviana.